

**FOTOPERFORMANCE**  
**A POÉTICA DO CORPO DO ARTISTA**  
**MEDIADO PELA IMAGEM TECNOLÓGICA**

Valécia Ribeiro  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC)

O objetivo deste artigo é incitar uma discussão sobre como o corpo do artista mediado pela imagem tecnológica se reconfigura no tempo-espço na *fotoperformance*, desdobrando-se no *corpo performático*, no *corpo fotográfico* e no *corpo digital*, analisando a possibilidade de convergência desses corpos num corpo poético que guarde em si novos conceitos sobre o que é ser corpo na contemporaneidade, abrindo novas possibilidades de expressão na interação com as novas mídias.

No trânsito corpo–imagem, o corpo da tecnologia e da arte criam relações espaciais e temporais diferenciadas no cotidiano, colocando em questão a noção de realidade e estabelecendo novas conexões com o sensível que implicam em diferentes configurações do corpo – nas formas de presença – e do processo de criação na utilização desse corpo, que é analisado aqui neste artigo a partir de uma compreensão na qual corpo/mente, sujeito/objeto, interioridade/exterioridade, natural/artificial, vivo/gravado, realidade/imagem, deixam de ser percebidos contraditoriamente.

Termo que circula por diferentes territórios, assumindo diversas significações possíveis, a palavra “performance” nas artes visuais é associada imediatamente à utilização do corpo como parte da obra, tendo, muitas vezes, como principais referências as décadas de 60 e 70. Na arte da performance é cada vez mais freqüente o uso da imagem e da tecnologia visual; telas de projeção, televisão, computadores, câmeras, vídeos, fotografias, diversos tipos de instalações, integram boa parte das performances atuais, elementos cuja performatividade apontam para novas formas de definir a performance no campo das artes.

A Performance, concebida inicialmente para ser uma “arte ao vivo”, “efêmera”, passou a se utilizar de registros fotográficos/videográficos para documentar suas ações. Mais do que registrar os momentos significativos mediante uma seqüência de imagens, muitos artistas tendem a dimensionar ou redefinir a proposta performática em função da escolha do meio. Algumas vezes essa mediação adquire um papel tão fundamental que a performance é concebida exclusivamente para ser vista em fotografia ou vídeo, o que denominou-se

*fotoperformance*. Assim, o termo *fotoperformance*, é utilizado aqui em um sentido amplo, com referência ao *fotográfico*: imagens de captação e projeção ótica, dependentes da luz, que vão da fotografia até o vídeo, considerando as especificidades dos meios, suas miscigenações e atualizações no universo das imagens numéricas.

### **O corpo performático, o corpo fotográfico e o corpo digital**

A Arte da Performance ampliou os limites formais das manifestações artísticas ao desenvolver novos campos de atuação e promover o diálogo entre diferentes áreas, permitindo aos artistas romper os limites entre a mídia e as disciplinas. Nas Artes Visuais, com a dissolução dos limites entre a arte e a vida, propondo ao corpo do artista a experiência de ser um objeto estético, ao colocar sistematicamente em cena seu próprio corpo, ou mais exatamente a relação de seu corpo com tudo o que o cerca ou o representa social e ideologicamente, o aspecto performático tornou-se cada vez mais pronunciado.

De outra parte, a Fotografia nunca deixou de provocar polêmicas sobre sua natureza imagética – vinculada às relações habitualmente equívocas entre a arte e verdade –, seus usos e funções, sua junção com outras linguagens e formas de expressão. A fotografia alterou o nosso modo de olhar, nos ensinou a ver o mundo em recortes, recortes de uma suposta realidade: o olhar disperso torna-se um olhar concentrado no recorte, resultado de um processo de escolhas ditadas em grande parte por motivações estéticas e conceituais.

Após superada a questão do estatuto de arte da Fotografia a partir das conexões estabelecidas entre a imagem fotográfica e o Surrealismo (1924-60), é o próprio movimento da arte que será conduzido à fotografia, atraído por uma forma de arte diretamente conectada ao real, ao se impregnar de certas lógicas formais, conceituais e de percepção próprias ao dispositivo fotográfico, como coloca Walter Benjamin na Pequena História da Fotografia “Tudo muda contudo se da fotografia como arte, passa-se à arte como fotografia” (Apud Dubois, 1993, p. 251).

Como estamos vendo, todas essas práticas contemporâneas (arte conceitual, ambiental, corporal, de acontecimento), embora partam dos antípodas da representação realista e da idéia de representação acabada, sempre terminam, apesar de tudo, em primeiro lugar, por *utilizar* a foto como simples instrumento de segunda mão (documento, memória, arquivo), em seguida por *integrá-la* (conceber a ação em função das características do dispositivo foto), depois por se embeber, *impregnar-se com sua lógica* (a do traço, da impressão da marca) e, finalmente, por *inverter os papéis*, por voltar a própria fotografia como prática artística primeira, que por sua vez tomará emprestado da lógica das artes de ação alguns de seus usos criadores. (A. Rainer). (DUBOIS, 1993, p.290)

Nesse momento, na tensão entre a ação, sua captação e manipulação que encontramos a *fotoperformance*, se instala o paradoxo evanescência e reprodutibilidade. Se partimos da sua condição inicial de puro acontecimento, uma “arte ao vivo” na sua efemeridade e fisicalidade – algo para ser visto num tempo e espaço determinado: um espetáculo – a performance não pode ser repetida, se consumindo no próprio ato. Assim a documentação pode ser considerada como um desvio do sentido principal da performance .

Atos não se repetem. Performance é viva somente no presente. Não pode ser conservada, gravada, documentada, do contrário, isso será outra coisa. A documentação da Performance através de fotografias ou vídeos é somente um estímulo para a memória, um encorajamento da memória para torna-se presente. Performance implica o real, através da presença física do corpo. (apud MELIN, 2008, p.37)

A partir desse ponto surge uma série de questionamentos sobre como se dá essa apresentação ou “re–apresentação” na *fotoperformance*. Como a performance poderia ser vista isolada do seu contexto, já que essa manifestação possui forte ligação com o *ser meio*? Como a relação com a obra se altera diante da ausência do corpo físico e a presença do corpo imagético na subjetividade do *ato fotográfico*<sup>1</sup>? E ainda com relação às imagens numéricas, que podem ser manipuladas mais facilmente, o que acontece? Até mesmo se pensamos num mero registro, seria possível acreditar na sua imparcialidade? Como podemos colocar ou recolocar a questão da presença/ausência num mundo onde cada vez é mais difícil estabelecer distinções rígidas entre o real e o virtual, uma vez que o virtual é também real ?

Desse ângulo de visão, a relação estabelecida é como se houvesse um conflito entre a imagem do corpo e o próprio corpo, que se constrói nesse desafio da presença “real”. Um desafio que ultrapassa a noção de performance ou mesmo de documento, se direcionando para a própria noção de realidade, que se amplia na experiência atual, no que implica o “real” hoje com a complexidade do pensamento e da vida na Cultura Digital, na hegemonia da imagem em nossa sociedade, na multiplicidade que exprime o modo de conhecimento do ser humano contemporâneo.

Assim, nossa história como seres humanos, que começou quando nossos ancestrais começaram a viver em conversações, tem sido uma história de criações recursivas de novas realidades que são todas virtuais no que diz respeito a realidade básica de nossa existência biológica, mas que se tornam reais (não virtuais) no fluir de nosso viver humano à medida que, através de seu vínculo operacional com nosso viver biológico básico, eles se tornam o fundamento para alguma outra realidade virtual. Portanto o que deveria nos preocupar, se é que queremos nos preocupar, é o que fazemos com a nossa existência humana, que curso queremos que nosso sermos seres humanos siga. (Maturana, 2001, p.192)

---

<sup>1</sup> Denominação utilizada por Philippe Dubois na intenção de insistir que “*com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser*”. DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, SP, Papirus, 1993, p.15.

Assim, o que chamamos “realidade” do mundo diz respeito igualmente às imagens que se multiplicam, visto que emergem desse mesmo mundo “natural” que tomamos como referência, e ainda assim o percebemos mediado pelo corpo e o olhar . O que nos leva a acreditar que – ao refletir sobre as perguntas colocadas acima, mesmo se não sabemos se existem respostas precisas ou definitivas – a questão fundamental não se coloca na dicotomia real ou virtual, mas na mediação, na maneira como a mediação tecnológica pode reduzir ou intensificar a produção de sentido na obra de arte e em que medida e de que modo essas especificidades interferem no processo criativo e criam novas modalidades de sentir e entender o próprio corpo em constante transformação.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BELLOUR, Raymond. *Entre-imagens: Foto, cinema, video*. Campinas, SP, Papirus, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. Obras Escolhidas I. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CALVINO, Ítalo. *Seis Propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CONDE-SALAZAR, J. *Cuerpos sobre blanco*. Cuenca, Ediciones de la Universidad de Castilla, La Mancha Comunidad de Madrid, 2003.
- DIXON, Steve. *Digital, Performance: A History of New Media in Theater, Dance, Performance Art, and Installation*, MIT Press, 2007
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, SP, Papirus, 1993.
- FÉRAL, Josette, *La performance y los media: La utilización de la Imagen*. In PICAZO, Glória (org.). *Estúdios sobre Performance*. Sevilla, Centro Andaluz de Teatro, 1993.
- GOLDBERG, RoseLee . *A Arte da Performance do Futurismo ao Presente*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Cristina Magno Victor Paredes (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Pré-cinemas e Pós-cinemas*. Campinas, SP, Papirus, 1997.
- MELIN, Regina. *Performance nas Artes Visuais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.
- SANTANA, Ivani. *Dança na Cultura Digital*. Salvador, EDUFBA/FAPESB, 2006.